

A fenomenologia como fio condutor de uma pesquisa sobre uso da tecnologia assistiva

Cleyton Santana de Sousa – IFES / CEFOR
csantanaes@gmail.com
<http://lattes.cnpq.br/9472449456796888>

Hiran Pinel PPGE - CE/UFES
hiranpinel@gmail.com
<http://lattes.cnpq.br/8940226139303378>

RESUMO

Neste artigo, apresentamos um recorte de uma pesquisa de mestrado que teve como objetivo descrever compreensivamente as práticas de uso do computador como tecnologia assistiva em sala de recurso multifuncional do atendimento educacional especializado. Como fio condutor para a realização do trabalho, tivemos a fenomenologia-existencial que permitiu ser uma luz no caminhar da pesquisa. Os resultados desta pesquisa apontam que as tecnologias não são boas ou ruins. Entretanto, para desenvolver um bom trabalho tendo as tecnologias como ferramentas mediadoras, faz-se necessário ter um professor pesquisador, motivado e que tais recursos não sejam estranhos ao seu cotidiano para desenvolver metodologias diferenciadas na aprendizagem de alunos. Ainda, que estes instrumentos tecnológicos possam ser utilizados de forma a potencializar práticas diferenciadas nos atendimentos ao público alvo da educação especial.

Palavras-chave: Tecnologia assistiva; fenomenologia; sala de recursos multifuncionais

Introdução

Este trabalho é um recorte da dissertação de mestrado de Sousa (2018) que teve a seguinte questão disparadora: o que é, como é ser uma professora que utiliza a tecnologia assistiva, tendo o computador como ferramenta junto aos alunos deficientes, atendidos na sala de recursos multifuncionais (SRM) do Atendimento Educacional Especializado (AEE). Ainda, tivemos a fenomenologia-existencial como princípio, postura e essência aquela que buscamos e encontramos em Forghieri (2004), que me ajudou na

Comentado [CSds1]: INSERIDA

compreensão do vivido a partir de uma proposta metodológica da Psicologia Fenomenológica Existencial e da Psicologia Existencial Humanista.

No Brasil, ainda temos grandes desafios sobre a operacionalização das salas de recursos uma vez que temos professores especialistas que atuam nestes espaços tendo que saber lidar com instrumentos dos kits de recursos e tecnologias para atender a uma grande variedade de alunos e as mais diversas deficiências que são apresentadas para os docentes deste espaço (MANZINI, 2013).

A implementação e funcionamento das salas de recursos multifuncionais constituem até o momento presente, grande desafio no sentido de que cada escola, sala ou público atendido possuem especificidades diferentes e a proposta destas salas pelo governo federal, foi constituída em tamanho único para a oferta de um serviço tão especializado e único (MENDES; MALHEIRO, 2012).

Portanto, este trabalho, constitui em mais uma produção sobre um assunto que nos é tão caro enquanto pesquisadores da área de educação especial (EE) e em especial sobre as salas de recursos multifuncionais do atendimento educacional especializado. Pensar a utilização das tecnologias assistivas na EE é parte de do exercício ético e moral neste campo de pesquisa, uma vez que tais ferramentas podem ser facilitadoras dos processos de aprendizagem dos sujeitos com deficiência.

Metodologia da pesquisa

A escolha desta abordagem se aproxima do objetivo desta pesquisa enquanto buscamos as singularidades sobre as práticas de uma professora e, através de uma abordagem que permita compreender sentidos a partir do outro, junto e através de narrativas das suas experiências e vivências no campo educacional.

Nosso caminhar da pesquisa, consistiu em desvelar modos de ser de uma professora no processo de construção das suas práticas pedagógicas. Nesse processo foi possível desvelar a potência humanizadora que uma professora coloca nas salas de recursos, verificando como esta profissional dão sentido da técnica quanto ao uso das tecnologias da informação e comunicações como tecnologia assistiva junto a alunos com

deficiência, focando assim nos seus modos de ser. E na tentativa de tirar este metafórico véu e desvendar estas práticas de ser de uma professora no cotidiano das salas de recursos, fizemos opção pela fenomenologia-existencial por sua perspectiva de pesquisa de nos permite conhecer uma “realidade” tal qual ela se mostra:

Por que se chama Fenomenologia? Esta palavra é formada de duas partes, ambas originadas de palavras gregas, como sabemos. "Fenômeno" significa aquilo que se mostra; não somente aquilo que aparece ou parece. Na linguagem religiosa, utilizamos também o termo epifania para falar de algo que se manifesta, que se mostra. "Logia" deriva da palavra logos, que para os gregos tinha muitos significados: palavra, pensamento. Vamos tomar logos como pensamento, como capacidade de refletir. Tomemos, então, fenomenologia como reflexão sobre um fenômeno ou sobre aquilo que se mostra. O nosso problema é: o que é que se mostra e como se mostra. (ALES BELLO, 2006, p. 17-18)

Neste sentido, compreendemos que a natureza qualitativa da pesquisa e, o aporte fenomenológico a partir de Forghieri (2004), nos fornecem condições de ir ao campo no intuito de descobrir o que se passa, como acontece, como se mostra as práticas de uso da tecnologia assistiva junto a uma professora especialista na SRM do AEE.

Para a realização desta pesquisa, procuramos conhecer a experiência e vivência pedagógica de uma professora que atua no AEE. A constituição de um professor ocorre no campo de trabalho e, na sua autorreflexão de sua prática enquanto agente crítico de sua formação. Assim sendo, buscaremos a este sujeito para compreender quais são os saberes desenvolvidos através de sua formação numa universidade, sociedade, escola, e demais ambientes que marcam e impactam sua formação enquanto professor pela via da pesquisa fenomenológica.

Ter a perspectiva, ouvida a partir da professora especialista, poderá nos dar pistas e caminhos sobre como se forma um professor e quais afetos, redes de aprendizado, emoções, problemas e questões disparadoras na formação de um educador que atua no AEE. Compreender estes sentidos pode sinalizar ações e práticas destes quanto aos desafios enfrentados no desenvolvimento de práticas educacionais inclusivas, em especial, quanto ao objetivo deste trabalho que é desvelar práticas de uso da tecnologia assistiva junto aos sujeitos com deficiência atendidos nas SRM do AEE.

Sendo uma pesquisa fenomenológica, os caminhos percorridos passaram-se por várias ruas, avenidas e vielas até chegar ao ponto em que aqui relatamos. O lócus de

desenvolvimento deste trabalho foi numa cidade da grande Vitória - ES, estado do Espírito Santo. A professora colaboradora da pesquisa atuava como professora especialista numa escola numa região periférica da cidade, num bairro com grandes problemas sociais, econômicos e financeiros.

Este cenário macro de localização da escola impactava de forma significativa no microespaço escolar onde estas demandas desaguavam e, a “escola tinha que dar conta” de responder a estas questões que ali adentravam em seu espaço. Seguindo os fios desta trama, a professora especialista, que pediu transferência para outra escola, um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI), por divergências com o corpo educacional da escola anterior sobre o trabalho realizado no AEE. Neste CMEI, não pude acompanhar o trabalho da professora e continuamos a produção dos dados em espaços e tempos possíveis de acordo com a disponibilidade da professora.

Instrumentos da pesquisa

Para o processo de produção e recolhimento de dados numa pesquisa fenomenológica-existencial utilizaremos o diário de campo fenomenológico para registrar anotações e percepções do pesquisador junto a professora entrevistada. Lançar mão desta ferramenta concreta me permitiu conhecer os sentidos e vida do outro através de sua fala, tal qual Araújo et al. (2013) diz:

o diário tem sido empregado como modo de apresentação, descrição e ordenação das vivências e narrativas dos sujeitos do estudo e como um esforço para compreendê-las. [...]. O diário também é utilizado para retratar os procedimentos de análise do material empírico, as reflexões dos pesquisadores e as decisões na condução da pesquisa; portanto ele evidencia os acontecimentos em pesquisa do delineamento inicial de cada estudo ao seu término. (ARAÚJO et al., 2013, p. 54)

Ainda neste sentido, fazer uso do diário de campo fenomenológico permitirá o movimento de distanciamento reflexivo preconizado por Forghieri (2004) no sentido de se envolver existencialmente com o vivo e, no distanciamento, afastar-me no ensejo de compreender e descrever o que foi dito. De acordo com Macedo (2010):

Além de ser utilizado como instrumento reflexivo para o pesquisador, o gênero diário é, em geral, utilizado como forma de conhecer o vivido dos atores pesquisados, quando a problemática da pesquisa aponta para a apreensão dos significados que os atores sociais dão à situação vivida. O diário é um dispositivo na investigação, pelo seu caráter subjetivo, intimista. (MACEDO, 2010, p. 134)

Além disso, foram utilizadas ferramentas tecnológicas como o gravador de voz e gravador de vídeo para capturar elementos não ditos que não poderiam aparecer em transcrições de áudio e vídeo. De acordo com Garcez, Duarte e Eisenberg (2011) sobre o uso de áudio e imagem em pesquisa na educação:

Nossa experiência e a de outros pesquisadores da área de educação (HONORATO et al., 2006; SADALLA; LAROCCA, 2004; CARVALHO, 2004; PINHEIRO; KAKEHASHI; ANGELO, 2005; LEONARDOS; FERRAZ; GONÇALVES, 1999; SILVA, 2007) indicam que o uso adequado da imagem em movimento, aliada ao áudio, permite capturar aspectos difíceis de serem captados com outros recursos, tais como expressões corporais, faciais e verbais utilizadas em situações cotidianas (no caso de uma observação sistemática, por exemplo); reações de diferentes sujeitos em face de uma atividade ou questão proposta pelo pesquisador – como visualização e interpretação de filme e/ou imagem fixa (fotografia, gravura, símbolo, ícone etc.); audição de música; reação à leitura em voz alta de um texto; leitura individual de texto; participação em grupo focal; realização de tarefas e/ou atividades em grupos operativos ou individualmente etc. (GARCEZ; DUARTE; EISENBERG, 2011, p. 251-252).

Segundo Garcez, Duarte e Eisenberg (2011, p. 252) baseado em Aurélia Honorato et al. (2006): “[...] o som e as imagens em movimento integradas podem ajudar a desvendar a complexa rede de produção de significados e sentidos manifestos em palavras, gestos e relações, a compreender as culturas infantis e a captar a essência das narrativas em jogo.”

A utilização destas ferramentas auxiliou em capturar os sentidos do não dito ou expressões faciais, corporais que não possam ser percebidas e registradas com o uso do diário fenomenológico ou observação do pesquisador, tendo este material auxiliar como apoio para o desenvolvimento das categorias de análise. Ao utilizar estes instrumentos de pesquisa, nosso intuito não é de medir conhecimento do professor, mas sim com+(preender) sua capacidade de usar as tecnologias assistivas pensando em estratégias e modos de aprendizado dos sujeitos com deficiência e, de como este

instrumental técnico pode ser utilizado, de modo inventivo para potencializar o aprendizado destes alunos ao currículo previsto ou vivido.

Quando escrevemos este trabalho, fomos movidos e afetados por tendências humanistas. E nosso sentido, ao utilizar esta técnica de produção de dados, foi para nos questionar, a partir dos dados levantados, como esta professora utilizou o computador como tecnologia assistivas para potencializar práticas pedagógicas diferenciadas ou inventar novas em seu trabalho com o computador na sala de recursos multifuncionais junto aos alunos público alvo da educação especial (PAEE).

Caminhando numa Pesquisa Fenomenológico-Existencial

Os fundamentos da fenomenologia foram desenvolvidos através do movimento filosófico que surgiu a partir do século XX, tendo como percussores os teóricos Edmund Husserl (1859 – 1938), Martin Heidegger (1889 - 1976) e Merleau-Ponty (1908 – 1961). Este movimento do desenvolvimento do pensar filosófico em direção à criação de uma filosofia fenomenológica se deu através da necessidade de pensar o mundo em contraposição ao movimento positivista e ao dualismo cartesiano que preponderava nesta época. Segundo Gil (2010):

A pesquisa fenomenológica se propõe a uma descrição da experiência vivida da consciência, mediante o expurgo de suas características empíricas e suas considerações no plano da realidade essencial. Trata-se, pois, de um tipo de pesquisa que busca descrever e interpretar os fenômenos que se apresentam à percepção. Seu objetivo é chegar à contemplação das essências, isto é, ao conteúdo inteligível e ideal dos fenômenos de forma imediata (GIL, 2010, p. 39).

Nosso intuito ao utilizarmos a abordagem fenomenológica-existencial como método de pesquisa, é “ir às próprias coisas” (Forquieri, 2004, p. 11), no desejo de compreender as práticas de uma professora que opera instrumentos tecnológicos nas salas de recursos do atendimento educacional especializado. Neste trabalho, desejamos ir ao próprio fenômeno para desvendá-lo, tal como “se mostra em si mesmo”, independente de teorias a seu respeito, refere-se a estas, tal qual como têm sido elaboradas por meio da

experimentação de método experimental, que não leva em conta a intencionalidade. (FORGUIERI, 2004, p. 11).

Nossa compreensão a partir do vivenciar desta experiência com esta professora é a de realizar um mergulho em sua existência e suas práticas como educadora do AEE e, submergir com o que encontramos para que possamos descrever compreensivamente, de forma empática, no desejo de se construir uma imagem de fundo sobre o que é, e como é, ser esta professora.

E neste caso, compreendemos que a fenomenologia poderá nos ajudar a desvelar o que é ser esta professora a partir do seu vivido, do qual temos interesse em descrever compreensivamente suas práticas de uso das tecnologias assistivas junto a alunos com deficiência e suas práticas de atendimento nas salas de recursos multifuncionais do AEE.

Para a realização deste trabalho nos inspiramos em Forguieri (2004) e Gil (2010) a partir de dois movimentos de uma pesquisa fenomenológica: o envolvimento existencial (redução fenomenológica) e o distanciamento reflexivo (redução eidética). No primeiro movimento, somos levados ao mergulho, no intuito de “ir às próprias coisas” conforme preconizou Husserl. Realizar este ato é ter uma ação empática junto ao sujeito que atuaremos na pesquisa, no desejo de se desvelar algo, buscando jogar luz sobre o fenômeno que desejamos descrever e buscar maior compreensão. Segundo Gil (2010):

A redução fenomenológica (ou epoché, em grego) consiste em restringir o conhecimento ao fenômeno da experiência de consciência, o que implica desconsiderar o mundo real, colocá-lo “entre parênteses”. Trata-se, pois, do processo pelo qual tudo que é informado pelos sentidos é mudado em uma experiência de consciência, em um fenômeno que consiste em se estar consciente de algo. Assim, coisas, imagens, fantasias, atos, relações, pensamentos, eventos, memórias e sentimentos constituem experiências de consciência. Fazer esta redução, entretanto não significa duvidar da existência do mundo, mas fixar-se no modo como o conhecimento do mundo acontece, na visão do mundo que o indivíduo tem. (Gil, 2010, p. 40)

Ou seja, ir às coisas mesmas é uma postura, uma filosofia, que (FORGUIERI, 2004) ao desenvolver um enfoque fenomenológico da personalidade, como método de pesquisa ou postura clínica saindo do campo da filosofia para o campo psicológico, focou seu trabalho no posicionamento do que ela chamou de concretude do existir, onde buscou valorizar a existência de homem concreto, mas como ser no mundo.

Aqui, quando dizemos, concreto, não nos colocamos num posicionamento de sujeito finito, pronto. Mas concreto na sua essência, um homem com suas experiências e vivências, mas incompleto por suas vicissitudes no seu existir.

No movimento da epoché, ou redução fenomenológica, como movimento de pesquisa, é no tempo-espaco em que o pesquisador se colocará junto ao sujeito de que se quer buscar algo, sua essência no que tange a analisar um fenômeno que se deseja tirar um véu.

Diferente de outros métodos de pesquisa, aqui elencamos a singularidade de uma pesquisa fenomenológica, aqui nos colocamos numa posição de pesquisador ouvinte, no sentido de encontrar algo, alguns fragmentos. E neste movimento, uma postura, atitude, ação significativa para este tipo de pesquisa é o sentido de se colocar em suspensão conhecimentos prévios, ações e pré-conceitos (no sentido de conceber algo anteriormente) junto ao objeto-fenômeno observado.

Este estado de suspensão é realizar o mergulho, na tentativa/desejo de trazer a lume um olhar de sentido do fenômeno em observação. Este movimento de suspensão é muito importante numa pesquisa/ação fenomenológica. Um posicionamento empático poderá fornecer ao pesquisador os elementos necessários para se envolver e estar com e junto ao outro no intento de se capturar a singularidade e essência do que se observa ou deseja iluminar – considerando sempre uma singularidade no mundo, na pluralidade de ser.

Ainda neste sentido, a epoché ou redução fenomenológica, denominado por Forguieri (2004):

Este momento requer que o pesquisador, preliminarmente, procure colocar fora de ação os conhecimentos por ele já adquiridos sobre a vivência que está pretendendo investigar, para então tentar abrir-se a esta vivência e nela penetrar de modo espontâneo e experiencial. É preciso que ele não apenas se recorde dela, mas, procure nela emergir para revivê-la de modo intenso; é necessário, portanto que procure ter com ela uma profunda sintonia. (FORGUIERI, 2004, p. 60)

Para Forguieri, esta atitude, baseada na suspensão é aquela em que se coloca junto ao outro para vivenciar uma experiência num coletivo, (eu+outro ou eu+outros) de

forma a, nesta experiência, vivenciá-la, de forma natural, despindo-se do seu eu, do mundo vivido para senti-lo junto ao outro. No sentido que Forghieri (2004) nos diz sobre o se despir da razão e no desejo de aderir a este movimento fenomenológico-existencial, o pesquisador deverá:

Em outras palavras, o pesquisador precisa iniciar seu trabalho procurando sair de uma atitude intelectualizada para se soltar ao fluir de sua própria vivência, nela penetrando de modo espontâneo e profundo. Para deixar surgir a intuição, percepção, sentimentos e sensações que brotam numa totalidade, proporcionando-lhe uma compreensão global, intuitiva, pré-reflexiva, desta vivência. (FORGHIERI, 2004, p. 60).

Eis o movimento proposto de me co(mover) e mover junto aos outros, despindo de mim para que apareça o nós, neste mergulho existencial. O que ela nos propõe, ao suspender ou deixar de lado o modo racionalizado, científico, para que possamos entrar na seara das ações afetivas, da afecção, do sentir e experimentar, através da inspiração/ação da fenomenologia, que me afeta e que transforme minha relação através do contato com ou outro.

E que esta afecção, ao me transformar, permita-me(nos) surgir e estar numa atitude humanizante nesta relação, no intuito de desvelar sentidos e modos de uma professora com as práticas de tecnologia na sala de recursos multifuncionais.

O segundo movimento, não menos importante, mas também vital, de acordo com Gil (2010) sobre a redução eidética:

A redução eidética (do grego eidos = ideia ou essência), por sua vez consiste na redução do objeto da percepção à ideia, o que significa a abstração da existência, de tudo o que é accidental, para permitir a intuição das essências. Consiste na sua análise para encontrar o seu verdadeiro significado. Isso porque tudo o que as pessoas têm em sua mente decorre de informações proporcionadas pelos sentidos. Por essa influência dos sentidos existem várias imagens possíveis de um mesmo objeto, embora todas significando a mesma coisa, constituindo a sua essência. (GIL, 2010, p. 40).

Este é um segundo movimento numa pesquisa fenomenológica-existencial. Tendo em vista que a partir do envolvimento existencial proposto por Forghieri (2004) de se colocar em suspensão nossos conhecimentos prévios ao lidar com um fenômeno, o movimento da redução eidética ou distanciamento reflexivo é o momento em que o

pesquisador, tentará se distanciar do fenômeno em análise, buscando compreender com entendimento aquilo sobre que se jogou luz anteriormente. Neste sentido:

Após penetrar na vivência de uma determinada situação, nela envolvendo-se e dela obtendo uma compreensão global pré-reflexiva, o pesquisador procura estabelecer um certo distanciamento da vivência, para refletir sobre esta compreensão e tentar captar e enunciar, descritivamente, o seu sentido ou o seu significado daquela vivência em seu existir. Porém, o distanciamento não chega a ser completo; ele deve sempre manter um elo de ligação com a vivência, a ela voltando a cada instante, para que a enunciação descritiva da mesma seja a mais próxima possível da própria vivência. Tal enunciação, portanto, não deve ser feita em termos científicos e sim em linguagem simples, semelhante à que é utilizada na vida cotidiana. (FORGUIERI, 2004, p. 60)

O distanciamento reflexivo ou redução eidética é o momento do pesquisador, debruçado sobre a experiência junto ao outro, e que a partir de sua vivência:

procura penetrar na vivência deste, para compreendê-los, relaciona-os à sua própria vivência e à de outras pessoas, reflete sobre tudo isto e chega às suas próprias enunciações a respeito do assunto. (FORGHIERI, 2004, p. 61).

Compreendemos que esta etapa é o momento da pesquisa em que será realizado o distanciamento do fenômeno observado, no ensejo de capturar a singularidade para produzir e relatar a experiência e vivência e, a partir destas, produzir enunciações a respeito do que foi discutido sobre este assunto. Concordamos com Forghieri (2004) e Gil (2010), nossa compreensão sobre estes modos de pensar sobre o envolvimento existencial e distanciamento reflexivo numa pesquisa fenomenológica-existencial é que estes movimentos são imbricados, indissociados.

Buscando o conceito de experiência em (LAROSSA, 2011, p. 5) é “isso que me passa”. É um movimento de ida e vinda. É deixar que o outro lhe afete, ou transforme. Faz parte do movimento de caminhar, estando junto e partir disto, pintar um quadro a partir do visto-sentido-vivido-dito junto ao outro.

Os dois movimentos de envolver e distanciar, buscar que o pesquisador se afaste do fenômeno para que ele possa descrever compreensivamente. Mas ora, como distanciar se ainda estou ligado àquela experiência? Caracterizados esta conexão com movimentos com uma tentativa de buscar na consciência a experiência do outro. O distanciamento reflexivo é como um exercício para o pesquisador, pois compreendemos

que as relações de aprendizado estão também imbricadas com outro processo de afetividade e cognição, que também lhe são correlacionados.

Sendo assim, foi o mover da experiência junto ao outro que tornou possível emergir da experiência e poder descrevê-la compreensivamente como parte do resultado da dissertação de mestrado desta pesquisa. Este movimento faz-se necessário no sentido de compreender a vivência das pessoas de que se deseja trazer a lume uma compressão, na busca da experiência que Larossa (2011) nos diz sobre “isso que me passa”.

O que foi iluminado através da pesquisa

Neste sentido, apresentamos a professora Abelha18: 35 anos, pedagoga formada pela Universidade Estadual de Minas Gerais, fez mestrado em educação pela UFES. Em sua graduação teve a disciplina de informática na educação. Disse-me que fez uma matéria de uso das TICS na educação. Quando perguntei se ela se sentia habilitada em usar estas tecnologias em suas aulas após formada, disse que naquele momento estava mais motivada do que habilitada. Eis um caminho para que possamos compreender esta professora que utiliza as TICS em sua prática profissional.

A professora Abelha, em sua prática profissional, utilizou o computador como ferramentas que possibilitou novas formas de aprender junto aos alunos que ela atendia nas salas de recursos multifuncionais do atendimento educacional especializado.

Em minha observação, no primeiro atendimento que acompanhei, ela atendeu um aluno e utilizou um jogo: “Pizzaria do chef Augustino” em que trabalhava conceitos de frações através das pizzas. O aluno deveria responder sobre perguntas relacionadas ao consumo da pizza e a quantidade de itens restantes da comida. Tal atividade demonstrou a importância de pensar o atendimento individualizado e uma estratégia diferenciada para a aprendizagem de frações.

Aí fala que não aprende, aí eu pergunto: será que não aprende ou será que a estratégia utilizada na sala de aula não está adequada, entendeu? Porque a gente padroniza demais, a gente espera que a criança vá aprender do jeito que a gente espera, aí quando vem para cá, a gente passa um estudo de casa, e a gente entende como que a criança aprende, e a gente entende, a gente começa a perceber os eixos de interesse das crianças.

O trabalho realizado com as crianças na sala de recurso necessita que o professor tenha uma abertura para o mundo para pensar diversas possibilidades e formas sobre como estes sujeitos aprendem. Estamos de acordo com Freire e sobre o que ele diz:

Quando o homem compreende a sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade, e procurar soluções. Assim pode transformá-la e com seu trabalho pode criar um mundo próprio: seu eu e suas circunstâncias. [...] A educação não é um processo de adaptação do indivíduo à sociedade. O homem deve transformar a realidade para ser mais (FREIRE, 1979, p. 30-31).

A professora abelha nos apresentou alguns desafios relacionados ao nosso tempo. O tempo de hoje. Perguntei a professora que tipo de tecnologia ele utilizava e eis sua resposta:

Tudo, tudo, vídeo game. Eu acho que a grande problemática de hoje é que essas estratégias — nós temos uma escola do século XVI com professores de século XVIII e crianças do século XXI —, as estratégias não estão adequadas às crianças, e as crianças precisam de mais, e a escola está fracassando e vai continuar fracassando. A gente... as estratégias pedagógicas têm que mudar. Aí falam: “Criança não aprende.” Como que criança não aprende se ela senta na frente do computador, desmontam tudo? Eles aprendem tudo, eles mexem em tudo...

Baseado no exposto pela professora, estamos diante de um cenário em que o educador tem uma missão bastante complexa em realizar mediações entre os instrumentos tecnológicos e suas práticas pedagógicas com estas crianças ditas nativos digitais (PRENSKI, 2001):

A construção ou a produção do conhecimento do objeto implica o exercício da curiosidade, sua capacidade crítica de “tomar distância” do objeto, de observá-lo, de delimitá-lo, de cindí-lo, de “cercar” o objeto ou fazer sua aproximação metódica, sua capacidade de comparar, de perguntar. (FREIRE, 2014, p. 83)

Em outro momento tive como pergunta disparadora para a professora Abelha: Como é que você se encontrou professora na sala de recursos e pensou usar a informática, educação especial?

Abelha: Olha, a questão é que na sala de recursos a gente tem que tem que pensar outras possibilidades educativas para que essa criança realmente aprenda a buscar outros, os recursos realmente que possibilitem o aprendizado daquela criança, e aí o quê, né? Como essa criança aprende? O quê, qual o objeto de interesse dessa criança? Qual o objeto principalmente de desejo dessa criança, e

quais os recursos que eu tenho disponíveis? O que chama atenção dessa criança dentro desse universo que eu tenho e ali está o computador, o tablet?

Dito isso pela professora especialista, de acordo com Freire (2014, p. 26-27):

[...] É que o processo de aprender, em que historicamente descobrimos que era possível ensinar como tarefa não apenas embutida no aprender, mas perfilada em si, com relação a aprender, é um processo que pode deflagrar no aprendiz uma curiosidade crescente, que pode torná-la mais e mais criador. O que quero dizer é o seguinte: quanto mais criticamente se exerça a capacidade de aprender tanto mais se constrói e desenvolve o que venho chamando "curiosidade epistemológica", sem a qual não alcançamos o conhecimento cabal do objeto.

Diante do exposto, concordamos com Freire (2014) no sentido do desenvolvimento de uma curiosidade epistemológica tanto do aprendiz como do docente para o desenvolvimento de novas práticas educacionais, com mediação pelas tecnologias que são utilizadas pelas crianças e jovens na atualidade.

Conclusão

Como dito anteriormente, este trabalho é o resultado da dissertação de Sousa (2018). Tivemos a fenomenologia-existencial como fio em que foram construindo teias de sentido nesta caminhada junto a professora Abelha. No tempo do desenvolvimento da pesquisa, da produção dos dados, estávamos imbricados em redes de afeto e de conhecimento, uma vez que a professora se mostrou disposta a embarcar nesta proposta e permitiu desvelar alguns sentidos sobre sua essência de professora que atua na sala de recursos do atendimento educacional especializado.

Respondendo à pergunta disparadora da pesquisa que foi: o que é, como é ser uma professora que utiliza a tecnologia assistiva, tendo o computador como ferramenta junto aos alunos deficientes, nas salas de recursos multifuncionais (SRM) do Atendimento Educacional Especializado (AEE), podemos descrever compreensivamente as práticas pedagógicas e usos dos instrumentais tecnológicos como ferramentas que potencializam aprendizagem junto a crianças com deficiência atendidas neste espaço.

A professora Abelha se coloca num lugar de pesquisadora e por sua postura junto ao outro no (PINEL, 2004) utilizou o computador como tecnologia assistiva e com sua inventividade, desenvolveu práticas pedagógicas inclusivas junto aos alunos que ela atendia na sala de recursos. Fazendo deste lugar-espço local que ressignificou seu trabalho e em especial, reforço aqui que a potência de uso da tecnologia assistiva se deu a partir dos sentidos propostos pela professora pesquisadora e por sua curiosidade para pensar e realizar atendimentos na sala de recursos multifuncionais do AE em que a mediação da tecnologia promoveu aprendizagem curricular e social aos alunos atendidos neste lugar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SOUSA, C. S. Tecnologia Assistiva: O Potencial de uso do computador junto a uma professora especialista que atua em sala de recurso multifuncional no atendimento educacional especializado - baseado num estudo fenomenológico-existencial. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2018.

FORGHIERI, Y. C. **Psicologia fenomenológica: fundamentos, método e pesquisa**. São Paulo: Cengage Learning, 2004.

MANZINI, Eduardo José. Formação do professor para o uso de tecnologia assistiva. **Cadernos de Pesquisa em Educação**, p. 12, 2013. <www.periodicos.ufes.br/educacao/article/view/7451> Acesso 20/04/2019

MENDES, E. G.; MALHEIRO, C. A. L. **Salas de Recursos Multifuncionais: é possível um serviço "tamanho único" de atendimento educacional especializado?** In: MIRANDA, T. G.; GALVÃO FILHO, T. A. (Org.). O professor e a Educação Inclusiva: formação, práticas e lugares. Salvador: EDUFBA, 2012, p. 349 – 366.

ALES BELLO, A. **Introdução à Fenomenologia**. Trad. Ir. Jacina Turolo Garcia e Miguel Mahfoud. Bauru, São Paulo: Edusc, 2006.

ARAÚJO, Laura Filomena Santos de; DOLINA, Janderléia Valéria; PETEAN, Elen; MUSQUIM, Cleiciene dos Anjos; BELLATO, Roseney; LUCIETTO, Grasielle Cristina. Diário de pesquisa e suas potencialidades na pesquisa qualitativa em saúde. **Revista Brasileira Pesquisa Saúde**, Vitória, Espírito Santo, p. 53-61, jul./set. 2013.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Etnopesquisa crítica/etnopesquisa-formação**. Brasília: LiberLivro. 2010.

GARCEZ, A.; DUARTE, R.; EISENBERG, Z. Produção e análise de vídeo-gravações em pesquisas. **Educação e Pesquisa**, v. 37, n. 2, p. 249–262, 2011.

- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 184p, 2010.
- LAROSSA, Jorge. Experiência e alteridade em educação. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v.19, n2, p.04-27, jul./dez. 2011.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 49.ª ed., 2014.
- FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.
- PRENSKY, Marc. **Nativos digitais, imigrantes digitais**. 2001. Tradução de Roberta de Moraes Jesus de Souza. Disponível em: < http://www.colegiongeracao.com.br/novageracao/2_intencoes/nativos.pdf, 2013.
- PINEL, Hiran. **Psicologia e Pedagogia Fenomenológico-Existencial: um glossário para iniciantes**. Vitória (ES): Do Autor, 2004.

SOBRE OS AUTORES:

Cleyton Santana de Sousa é mestre em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação – UFES/ CE/ PPGE. Especialista em Informática na Educação (IFES/CEFOR). Especialista em Gerenciamento de Projetos (FUCAPE), bem como em Docência do Ensino Superior (FABRA). Bacharel Sistemas de Informação (CESA). Coordenador de Tutoria (IFES/CEFOR).

Hiran Pinel é professor titular da Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação – UFES/ CE/ PPGE. Pós-doutorado pela Faculdade de Educação da UFMG. Doutor em Psicologia pelo Instituto de Psicologia da USP. Mestre em Educação pela UFES/ CE/ PPGE. Psicólogo, pela Newton Paiva. Pedagogo, pela UNIUBE. Pertence a linha de pesquisa “Educação Especial e Processos Inclusivos” e é coordenador o projeto de investigação “Aprendizagem e Desenvolvimento Humano numa Perspectiva Fenomenológica Existencial: Educação Especial, Pedagogia Social e Psicopedagogia”. Autor de livros e artigos científicos.